

ORGANIZADORES

Liara Saldanha Brites

Kamyla Stanieski Dias

Camilo Darsie

Andresa Silva da Costa Mutz

Cristianne Maria Famer Rocha

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS DO HOJE E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS

interfaces entre tecnologias
na educação e na saúde



ORGANIZADORES

Liara Saldanha Brites

Kamyla Stanieski Dias

Camilo Darsie

Andresa Silva da Costa Mutz

Cristianne Maria Famer Rocha

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS DO HOJE E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS

interfaces entre tecnologias
na educação e na saúde



| São Paulo | 2 0 2 3 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ES82

Estratégias biopolíticas do hoje e a produção de sujeitos:
interfaces entre tecnologias na educação e na saúde /
Organizadoras Liara Saldanha Brites, Kamyla Stanieski Dias,
Camilo Darsie, et al. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Outras organizadoras: Andresa Silva da Costa Mutz,
Cristianne Maria Famer Rocha.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-802-7

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.98027

1. Medicina e saúde. 2. Biopolítica. 3. Saúde. 4. Educação.
I. Brites, Liara Saldanha (Organizadora). II. Dias, Kamyla
Stanieski (Organizadora). III. Darsie, Camilo (Organizadora).
IV. Mutz, Andresa Silva da Costa (Organizadora). V. Rocha,
Cristianne Maria Famer (Organizadora). VI. Título.

CDD 610

Índice para catálogo sistemático:

I. Medicina e saúde.

Jéssica Oliveira • Bibliotecária • CRB-034/2023

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	31Moonlight31, Harryarts, Freepik - Freepik
Tipografias	Acumin, Geometos, Belarius Poster, Lavoir
Revisão	Os autores
Organizadores	Lira Saldanha Brites Kamyla Stanieski Dias Camilo Darsie Andresa Silva da Costa Mutz Cristianne Maria Famer Rocha

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 3

SAÚDE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: MÚLTIPLAS ESCRITURAS SOBRE O TEMPO PRESENTE

Liara Saldanha Brites

Kamyla Stanieski Dias

Camilo Darsie

Andresa Silva da Costa Mutz

Cristianne Maria Famer Rocha

DOI:10.31560/pimentacultural/2023.98027.a

A compreensão sobre as formas pelas quais nos tornamos sujeitos e nos assujeitamos é uma tarefa que exige reflexões e teorizações de diferentes tipos. Por se tratar de um processo complexo, deve ser feito de maneira atenta, historicizada e munida de lentes que nos levem a interpretar e refletir sobre o que permite ser o que somos e nos constitui naquilo que cremos ser. Para tanto, voltamos a Michel Foucault e suas considerações a respeito do Biopoder e da Biopolítica, como instrumentos ainda potentes para refletir, ensaiar e pensar sobre tecnologias, educação e saúde.

Na contemporaneidade, torna-se impossível ignorar como as transformações tecnológicas, sobretudo comunicacionais e de mídia, nos possibilitam entrar em contato com um grande número de informações, numa velocidade talvez nunca experienciada antes. Dessa forma, podemos estar em diversos espaços, *on* e *offline*, ao mesmo tempo, desenvolvendo múltiplas atividades simultaneamente: estudamos em ambientes virtuais, enquanto respondemos e-mails, ao mesmo tempo em que um dispositivo armazena informações como a

pressão arterial e batimentos cardíacos. Por mais “normal” que tudo possa parecer - ou um “novo normal”, após o início da pandemia de covid-19 -, buscamos aqui estranhar e compreender de que formas tais práticas e discursos nos constituem hoje.

Partindo das considerações de Foucault, é possível definir a Biopolítica como a racionalização de problemas para a prática governamental sobre uma população, isto é, um conjunto de pessoas, tais como a saúde, a higiene, a natalidade, a longevidade, a raça etc. (CASTRO, 2009). Essa é uma mudança que ocorre a partir do período das “grandes revoluções” na Europa, como a francesa e a industrial, entre os séculos XVIII e XIX. O poder soberano, vigente nas sociedades medievais, cujo foco eram os corpos individuais, cede espaço - ainda que isto não signifique que uma forma de poder deixa de existir para que outra seja protagonista - para um novo tipo de poder que busca operar sobre a vida de forma coletiva. Trata-se do Biopoder, isto é, o poder exercido sobre a vida. Esse controle sobre os corpos surge primeiro nas instituições, a partir da disciplina e na ampliação de aptidões, como uma estratégia “anátomo-política do corpo humano”, passando depois para a atenção sobre os processos biológicos do “corpo-espécie” através do Estado, abrangendo todos os aspectos da vida, desde o nascimento, passando pelo prolongamento da vida e até a morte (FOUCAULT, 2013).

Podemos assim dizer, seguindo Foucault (2013), que somos produzidos e subjetivados a partir dos poderes exercidos sobre nossos corpos. Não se trata da ação de um poder central, nuclear, que opera de forma externa, ou que esteja localizado numa matriz geral (seja o Estado, os tribunais ou a escola). Ele perpassa todos os aspectos da vida e desmistifica a dualidade entre dominantes e dominados. Assim, todos os aspectos da vida humana passam por processos de controle e de governo. Segundo Foucault (1989, p. 179-180), em uma sociedade como a nossa, o exercício do poder é capaz de produzir discursos de verdade com efeitos muito produtivos:

[...] existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.

Ao produzirmos saberes, organizamos um sem-número de práticas que nos condicionam a nos relacionarmos conosco e com os outros a partir destes conhecimentos produzidos e reconhecidos como verdadeiros. Passamos, por exemplo, a ter novas preocupações a respeito da saúde, da qualidade de vida, da longevidade, do desempenho etc. Ao mesmo tempo que se trata de um olhar sobre o coletivo, em que cada indivíduo é convidado a compreender-se como uma espécie. O poder então passa a estar encarnado no ser: “o poder já não se exerce desde fora, desde cima, mas sim como que por dentro, ele pilota nossa vitalidade social de cabo a rabo” (PELBART, 2007). A produtividade deste poder, por sua vez, está relacionada à capacidade do mesmo em interrelacionar posições diferentes, economizando os “custos” de uma imposição violenta que explicitamente domina, viola, violenta, obriga. O poder produz diferentes arranjos (subjetivações) na medida em que é exercido, na medida em que se reage e se resiste a ele. Ao se utilizar um outro saber ou uma outra verdade, são criadas novas forças, que impõem e sujeitam em função de outras argumentações. É isso que qualifica o poder como produtivo, uma produtividade econômica que faz inventar outras estratégias, tornando-o potente e engendrando saberes que o justificam.

Diversas estratégias biopolíticas expressam-se em diferentes campos, tais como a saúde e a educação, constituindo os sujeitos, regulando e qualificando modos de existência. No campo da saúde,

busca-se “fazer viver”, aperfeiçoando e controlando os corpos, prolongando e garantindo sua existência através de inúmeros discursos e tecnologias. Desde a concepção, até quando nenhuma estratégia de preservação seja possível ou desejável, há inúmeras intervenções que buscam esquadriñar, normatizar, contabilizar e preservar a existência humana. Para isso, é necessário saber cuidar da vida. Nesse sentido, o campo da educação também oferece uma série de estratégias para que se aprenda a viver de forma disciplinada. Devemos aprender a ser mais produtivos, dóceis, a consumir e a nos empresariar também, investindo no nosso capital humano e melhorando nosso desempenho.

Tendo em conta essas considerações, apresentamos esta coletânea de textos, produzidos por diversos autores, a partir de diferentes lugares, e com provocações, análises e reflexões sobre interfaces entre tecnologias na educação e na saúde, pautadas nos conceitos de biopolítica e biopoder. Os temas, dentro dos campos propostos, são diversos e, por isso, encontram-se divididos nas seguintes seções: ***Estratégias Biopolíticas para além da Saúde e da Educação, Estratégias Biopolíticas na Saúde e Estratégias Biopolíticas na Educação***, conforme os resumos a seguir. Boa leitura!

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS PARA ALÉM DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO

Apresentam o capítulo ***Cartografia e Biopolítica: reflexões sobre as estratégias de controle sanitário a partir de mapas digitais*** os pesquisadores Daniel Felipe Schroeder, Bruno Cristiano dos Santos, Matheus Santos de Souza, Rodrigo Mota Diniz e a pesquisadora Sara Ester Paes. Nele, os autores e a autora realizam uma análise das estratégias de controle sanitário a partir de mapas digitais.

Nos levam à reflexão acerca dos modos como os mapas e os discursos que os envolvem, especialmente quando operacionalizados por tecnologias digitais, podem operar como ferramentas biopolíticas, inclusive no que se refere ao contexto da saúde.

Rodrigo Lages e Silva, no capítulo ***Governamentalidade e inteligência artificial: por uma insurreição dos mediadores rumo aos delírios algorítmicos***, faz potentes provocações aos leitores e leitoras acerca dos efeitos da chamada governamentalidade algorítmica. Por meio de um diálogo entre as teorizações de Michel Foucault e de Gilles Deleuze, o autor problematiza a presença das Inteligências Artificiais e dos algoritmos de automatização nas nossas vidas e nos convida a pensar formas de resistência à tendência de nos tornarmos inumanos neste cenário de intensos agenciamentos maquínicos.

No capítulo ***O cuidado de si frente às tecnologias de individualização em tempos de pandemia***, Gabriel Lima Simões e Maria Mostafa abordam, a partir de Michel Foucault, o modo como a prática individualizada do cuidado de si se confronta com situações em que a efetividade do cuidado prescinde de estratégias e ações coletivas, como no caso de uma pandemia de saúde pública.

As autoras Nathássia Matias de Medeiros e Luciana Lobo Miranda analisam o papel disciplinar e biopolítico da educação social na produção de subjetividades no contexto brasileiro no texto intitulado ***A sexualidade entre a saúde e a educação: educação sexual, biopoder e produção de subjetividades***.

No texto ***O enigma da biopolítica, o corpo e a inclusão: contribuições de Roberto Esposito***, Pedro A. Pagni traz uma análise das contribuições de Roberto Esposito a respeito do que o próprio autor denomina de “enigma da biopolítica”, além dos conceitos de estratégia de imunização e paradigma imunitário.

O capítulo **A (re)significação dos Direitos Humanos como estratégia biopolítica: o caso do Minuto Direitos Humanos de Damares Alves**, de Carlos Eduardo Barzotto, tem como objetivo indagar quais são os significados (re)atribuídos aos Direitos Humanos por agentes do bolsonarismo populista que atuam em seu governo, sobretudo no que diz respeito à Educação e à Saúde. Para tanto, realiza uma análise discursiva dos 14 episódios do programa “Minuto Direitos Humanos”, realizado por Damares Alves, ex-ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no canal do *YouTube* oficial da instituição.

O capítulo **Estratégias biopolíticas e a Primeira Infância: reflexões necessárias** se debruça sobre as estratégias biopolíticas que incidem sobre as subjetividades na Educação Infantil por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Ensino Domiciliar. Patrícia Santos Anflor e Raona Denise Pohren evidenciam, em seu estudo, as estratégias de preparação das crianças enquanto capital humano no interior da racionalidade neoliberal. Segundo as autoras, nesse cenário, tais estratégias podem ser entendidas como um investimento para que a infância de hoje esteja apta para, no futuro, atender a demanda do mercado.

A partir de incômodos com experiências que atravessam as autoras, Diana Marisa Dias Freire Malito e Lívia Cretton Pereira, desde o lugar de mulheres, pesquisadoras e mães, realizam uma análise, no texto **“Maternidade apegada”: uma análise sobre as (re)atualizações do cerceamento que incide sobre os corpos das mulheres-mães**, sobre dois perfis no *Instagram* que refletem as principais ideias do movimento que pauta, dentro do nicho da maternidade nas redes sociais, os temas da criação com apego e criação não violenta.

Pablo Severiano Benevides traz uma discussão a respeito do conceito *Big-Grandmother* e as modulações de manifestações nas redes sociais a partir do crescimento da extrema direita no ambiente

virtual no texto ***Do Big-Brother à Big-Grandmother: a emergência da Grande-Avó como dispositivo tecnopolítico.***

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS NA SAÚDE

Yerko Manzano Venegas e María Karina Lozic Pavez são autores do capítulo intitulado ***Higienismo, degeneración y biopolítica en el Chile de comienzos del siglo XX: Dos casos de estudio.*** O estudo articula as noções de higiene, degeneração e raça nos discursos médicos e políticos do início do século XX no Chile. São acionadas as noções de biopolítica e de dispositivos de segurança para investigar o alcoolismo como uma conduta de risco. Por meio de uma revisão histórica, somos convidados a pensar o tempo presente, as rupturas e continuidades que envolvem a ideia de governar a existência biológica de uma população.

O texto ***Digitalização da Vida, Saúde e Biopolítica: uma análise de aplicativos de emagrecimento,*** de autoria de Andresa Silva da Costa Mutz, Alexandre Bica Pires, Ânderson Barcelos Martins e Leandra Gomes Gonçalves, destacam algumas das principais características do fenômeno de digitalização da vida - plataformização da sociedade, processos de datificação e performatividade algorítmica - e o modo como realizamos diariamente um número sempre maior de atividades por meio de computadores e *smartphones*. Com o objetivo de mapear aplicativos de emagrecimento, as autoras/es analisam as estratégias de governo dos corpos utilizadas nas práticas de acompanhamento das rotinas dos usuários com vistas ao emagrecimento mediadas pela tecnologia da informação.

Em ***A busca de informações em saúde no Google Search: reflexões sobre estratégias biopolíticas e noopolíticas,*** Liara Saldanha Brites, Maura Jeisper Fernandes Vieira. Rosane Machado Rollo

e Cristianne Maria Famer Rocha apresentam reflexões a respeito dos usos do *Google Search* para buscar informações sobre saúde e de que forma isso atua como estratégia biopolítica e noopolítica num contexto neoliberal.

Escrito por Letícia Farias Caetano e Kamila Lockmann, o texto ***A Medicalização Docente como Estratégia Biopolítica: a proliferação de doenças e a produção de uma biodocência*** aborda os discursos sobre a medicalização docente que circulam na rede social *Facebook* e de que forma atuam como biopolíticas, produzindo modos de ser professor(a) na contemporaneidade.

As pesquisadoras e pesquisadores Marcela Haupt Bessil, Camilo Darsie, Karine Zenatti Ely, Afonso Cima, Pauline Schwarzbald, Lia Gonçalves Possuelo apresentam o trabalho ***Mídias Digitais e Estratégias Biopolíticas dos sistemas Prisionais do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro: tensionamentos sobre saúde***, no qual analisam informações presentes em páginas oficiais de redes sociais a respeito da saúde de pessoas em privação de liberdade.

No capítulo ***A produção do imperativo “faça terapia” a partir das redes sociais: educação em saúde e práticas em saúde mental no SUS***, as autoras Luísa Klix de Abreu Pereira e Betina Hillesheim discutem como a construção do que denominam de imperativo “faça terapia”, especialmente a partir das redes sociais, tem se constituído como uma forma de educação em saúde e afetado as práticas em saúde mental.

Em ***Da terra arrasada à invenção de possíveis: biopolíticas e subjetivação na formação em psicologia no campo da saúde coletiva***, as autoras Ana Karenina Arraes Flavia, Helena de Araújo Freire e Ana Kalliny de Sousa Severo, enquanto pesquisadoras de políticas de saúde e direitos humanos e docentes de cursos da área de saúde (notadamente Psicologia e Saúde Coletiva), analisam experiências formativas, que emergiram em processos de estágio

de psicólogos junto a pessoas e coletivos vinculados às políticas de saúde, durante os anos de 2021 e 2022. A partir da análise dessas experiências, as autoras mostram algumas das estratégias biopolíticas em operação nos cenários de práticas do Sistema Único de Saúde (SUS) e nas experiências cotidianas de seus/suas usuários/as, assim como dos estudantes imersos na formação para o Sistema Único de Saúde - SUS, para apontar algumas pistas endereçadas ao presente e ao futuro próximo no Brasil e para propor saídas éticas, estéticas e politicamente afirmativas da vida.

Com o objetivo de analisar perfis de homens gays vivendo com Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV, no capítulo ***Lições de HIV/aids e covid-19-19: o luto e a luta contra a precariedade no Instagram***, os autores Dilan Kuntzler Magnus e Carin Klein utilizam a rede social *Instagram* e buscam investigar, problematizar e tensionar como as práticas de prevenção ao HIV/aids e demais infecções sexualmente transmissíveis (IST's) vêm sendo produzidas na plataforma, associadas às masculinidades, localizando e discutindo o que é dito, por quem e para quem, a fim de discutir alguns efeitos dessas discursividades.

Em ***Tecnologias de controle e cuidado da vida: reflexões sobre a telemedicina enquanto estratégia biopolítica***, Júlia Bagatini Santos, João Arthur Marques Lima, Eduarda Tais Stoeckel, Luiza Betiollo Ottoni e Marina Nicoloso Paiva apresentam reflexões a partir do conceito de biopolítica, articulado ao caso da telemedicina, problematizando as transformações que estão ocorrendo nas relações entre médicos e pacientes diante das tecnologias de nosso tempo que se orientam para o controle e cuidado em saúde.

Carina Prina Carlan e Iara Tatiana Bonin, no capítulo ***Investimento de forças: corpos quantificáveis correndo maratonas***, discutem algumas estratégias de quantificação empregadas para mensurar o alinhamento do corpo a certas metas estabelecidas ao

longo dos treinos, de modo a conduzir suas condutas e constituir uma possível performance em provas de maratonas.

João Arthur Marques Lima e Júlia Bagatini Santos discutem as interfaces entre a imunização ativa com tecnologia de mRNA na pandemia de covid-19 e o estabelecimento de biopolíticas de controle, em ***Imunizantes com tecnologia de RNA, estratégias biopolíticas e pandemia de covid-19***. Para o autor e a autora, essas medidas incidem em nível populacional por consolidarem rupturas entre variados grupos sociais, conforme interesses políticos associados à defesa da vida das populações.

Em ***As medicinas tradicionais complementares e integrativas como dispositivos tecnológicos de inovação do saber em saúde: Ética, estética e política em nome de uma epistemologia do cuidado***, Rafael Dall Alba, Dais Gonçalves Rocha, Madel Therezinha Luz apresentam um ensaio que busca tensionar a construção do campo científico das Medicinas Tradicionais e Complementares e Integrativas e das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (MTCI/PICS), a partir da análise das dinâmicas epistemológicas da saúde.

O capítulo ***População de rua e cidade: impactos da covid-19 no Cariri Cearense*** foi escrito por Welison de Lima Sousa, Anna Carolina Vidal Matos e Maria Teresa Nobre. Nele, as autoras e o autor discutem questões ligadas à população de rua na sua interface com a cidade, especialmente durante o período da pandemia covid-19, com destaque para seus efeitos sobre os/as habitantes do Cariri Cearense, no Brasil. O material empírico que compôs a pesquisa é heterogêneo e inclui jornais e sites de comunicação, como os sites da Diocese do Crato, das Prefeituras de Juazeiro do Norte,

Crato e Barbalha e do Governo do Estado do Ceará. A pesquisa buscou entender quais foram as estratégias adotadas pelo Estado e pela sociedade civil para cuidar das pessoas em situação de rua no período inicial e mais grave da pandemia.

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS NA EDUCAÇÃO

No capítulo ***Educando para os algoritmos: lógicas da subjetivação a partir da plataforma da vida***, Willian Fernandes Araújo realiza uma revisão teórica sobre os sistemas algorítmicos, entendendo-os como técnicas de poder de onde decorrem processos de subjetivação. Sua pesquisa nos coloca em contato com a noção de norma algorítmica, que opera para educar os criadores de conteúdo. Propõe aos leitores e leitoras interessados no tema, a literacia algorítmica como resposta pedagógica aos efeitos da plataforma da vida, fenômeno em crescimento em nossos dias.

No texto ***Ecobiopolítica e educação: as transformações desse nosso tempo de agora***, Marcos Antônio Carneiro da Silva apresenta reflexões sobre a urgência de se discutir as mudanças climáticas, a fim de pensar alternativas possíveis para repensar os usos dos recursos naturais e a crise ambiental.

Em ***Ansiedade algorítmica diante da plataforma da educação: um estudo de caso a partir da Udem***, escrito por Tiago de Negreiros Jardim e Moisés Pinto Neto, discute-se sobre a plataforma da educação, além das relações entre o capitalismo de plataforma, o neoliberalismo e a educação, a partir da análise de uma plataforma online de educação a distância.

Em ***Formação Docente e Práticas de Controle na Saúde durante a pandemia da covid-19***, Rodrigo de Oliveira Azevedo, Eli-sandro Rodrigues e Daniel Demétrio Faustino da Silva descrevem o modo como se desenvolveu o processo educativo de docentes de uma instituição pública de ensino, no campo da saúde, para o desenvolvimento de atividades pedagógicas mediadas por tecnologias de informação e comunicação durante a pandemia da covid-19. Para tanto, os autores fizeram uso de respostas de seis docentes que participaram da pesquisa “Tecnologias educacionais e os processos de subjetivação na formação em saúde”.

No texto ***Entre urgências, insurgências e possibilidades: o uso de tecnologias e seus efeitos na vida docente contemporânea***, Jeane Felix e Mariana Lins de Oliveira apresentam um ensaio reflexivo de duas docentes, professoras de universidades federais, sobre os tempos de pós-pandemia, a intensificação do trabalho, a interferência dos mecanismos contemporâneos de controle dos corpos e das subjetividades, através de grupos de *WhatsApp*, Ambientes Virtuais de Aprendizagem, mensagens em quaisquer dias e horários, demandas por proatividade e produtividade acadêmicas, que têm feito viver e perceber a docência esvaziada de sentidos.

O texto ***A sala de aula 3.0: O ambiente virtual como panacéia educacional em tempos de covid-19***, de Nicolás Antonio Bargiela e Carlos José Martin, apresenta uma investigação sobre as transformações da sala de aula, na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle.

O capítulo ***Em busca do tempo vivido durante a pandemia de covid-19 e a experiência com o Ensino Remoto Emergencial em suas interfaces com “1984” e “Admirável Mundo Novo”***, de Rozélia Bezerra, transporta os leitores e as leitoras para o período pandêmico e discute os significados que cada etapa de implantação do ensino no formato remoto teve para ela, docente do ensino superior brasileiro.

Flavia Feron Luiz apresenta uma discussão acerca de novos mecanismos de formação profissional na saúde, como os chamados Núcleos de Educação Continuada, na rede de hospitais do Grupo Hospitalar Conceição em Porto Alegre, Brasil. Trata-se de um método de formação em serviço, desenvolvido durante o período pandêmico, a partir do compartilhamento de informações pelas mídias sociais, no intuito de atingir um maior número de profissionais do referido estabelecimento, com informações referentes às rotinas assistenciais e dúvidas da equipe de saúde. Por meio da análise desse programa de formação, no capítulo ***Trans(formação) em saúde: um modelo no cotidiano das práticas educativas***, a autora nos convida a refletirmos sobre questões relacionadas ao campo do Trabalho, Saúde e Tecnologias.

Em ***A escrita asmática de uma dissertação: estratégias de resistência em face de traços da biopolítica no encontro com a educação***, Ilana Peres Azevedo Machado e Cristian Poletti Mossi propõem uma aproximação entre aspectos do conceito de biopolítica e a produção de pesquisas em Educação, no contexto da pós-graduação.

No capítulo ***Educação e plataformas digitais: formação do sujeito empreendedor na era do capitalismo neoliberal***, a plataforma é discutida como algo que se materializa no universo do capitalismo. A partir disso, Éverton Vasconcelos de Almeida, Ferran Sánchez Margalef e Santiago Pich discutem as maneiras como as plataformas digitais produzem modos de vida, por meio da lógica neoliberal, tendo como referência o universo da educação.

Para compreender as políticas e práticas do nosso presente e seus efeitos sobre a sociedade, Clarice Antunes do Nascimento apresenta, no capítulo ***Cultura Maker e empreendedorismo como estratégias biopolíticas de inclusão produtiva da juventude considerada "nem-nem"***, o exame do Programa Espaço 4.0, criado, em 2019, como uma política voltada a jovens de 15 a 29 anos, conside-

rados em situação de vulnerabilidade social, buscando capacitá-los para a inclusão produtiva no campo da Indústria 4.0.

Guilherme Vendruscollo Werlang, Neoli Paulina da Silva Gabe, Paula Caroline Pepa Oliveira e Kátia Teresinha Lopes Della Flora apresentam uma reflexão sobre as redes sociais enquanto estratégias biopolíticas que, apesar de potentes no que se refere ao fortalecimento da inclusão social e da acessibilidade, marginalizam sujeitos surdos, ao priorizarem modos de vida de sujeitos ouvintes no capítulo ***Comunicação digital e estratégias biopolíticas: tensionamentos sobre a (in)acessibilidade de surdos nas redes sociais.***

Adilson Cristiano Habowski, Cleber Gibbon Ratto e Vinícius Barbosa Cannavô buscam perscrutar as linhas de fuga por dentro do dispositivo da periculosidade em algumas dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação sobre o brincar das crianças em tempos digitais, no texto ***Linhas de fuga do brincar das crianças em tempos digitais: apontamentos acerca do dispositivo de periculosidade.***

Vera Elenei da Costa Somavilla, Guilherme Mocelin, Analídia Rodolfo Petry e Douglas Luis Weber são os autores do capítulo ***A formação universitária, gênero e biotecnologias: interfaces entre docentes do Brasil e Espanha.*** Nele, compartilham dados obtidos em pesquisa realizada com docentes da área da saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no Brasil, e da Universidade Rovirei Virgile (URV), na Espanha. As análises centram-se em discussões que envolvem as noções de Gênero e Biotecnologias, para pensar a produção/construção discursiva do corpo.

Rita de Cassia Quadros da Rosa e Camilo Darsie propõem uma reflexão teórica acerca da emergência do que denominam como *Imperativo Fitness Digital*. Nos convidam a pensar os efeitos da lógica de mercado que consolida um olhar sobre o corpo como um capital que pode ou não evidenciar o sucesso do sujeito no

capítulo ***Educação, aplicativos fitness e de saúde: outras capturas biopolíticas***. Segundo os autores, os aplicativos *fitness* e de saúde ensinam padrões normalizadores de modo massivo por meio de uma proximidade com os usuários jamais alcançada por quaisquer outras ferramentas.

No último capítulo da obra, ***La discursividad socioemocional: prolegómenos de una reforma educativa (bien) sucedida***, Jorge Andrés Jiménez Muñoz e Carlos José Martins analisam e discutem o que chamam de explosão discursiva contida em reportagens, congressos e eventos de cunho político-educativo, que atravessam diferentes grupos sociais e atores que influenciaram a formulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

REFERÊNCIAS

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

PELBART, P. P. Biopolítica. **Sala Preta**, São Paulo, v. 7, p. 57-66, 2007.